

# álvaro pereira

## Novas escaramuças

PMDB e Frente Liberal viverá mais uma semana de escaramuças na Assembléia Constituinte. No primeiro confronto entre os dois partidos da Aliança Democrática, o PFL apesar da minoria levou a melhor sobre o majoritário PMDB, fazendo prevalecer a posição do governo contrária a uma constituinte com poderes para mudar a atual constituição. O segredo do sucesso pefelista foi atribuído a sua atuação mais determinada e a sua capacidade de dividir os peemedebistas entre "radicais" e moderados, durante a lenta e enfadonha discussão do regimento interno.

Agora que o regimento foi aprovado em redação final, PMDB e Frente Liberal voltaram a se defrontar por uma causa menor: a disputa pelos cargos da mesa diretora da Constituinte. O PMDB, que já tem na presidência a figura majestática do deputado Ulysses Guimarães, decidiu usar toda a sua força de partido majoritário para se apossar também dos outros dois cargos mais importantes, a primeira vice-presidência e a primeira secretaria. Relegado a uma posição secundária, o PFL só fez esboçar uma reação orgulhosa, recusando-se a participar, com o PMDB, da direção da Constituinte.

Esses dois episódios, ocorridos no curto prazo de 20 dias, são reveladores da crise que afeta, hoje a unidade da Aliança Democrática. Os constituintes sequer iniciaram o trabalho maior para o qual foram eleitos que é o de discutir e votar a futura constituição brasileira, os dois maiores partidos políticos de apoio ao governo, responsáveis pela transição democrática, já deram provas cabais de que seus interesses são divergentes e inconciliáveis.

Tal constituição, no entanto, não chega a preocupar os principais líderes dos dois partidos. O novo líder do PMDB, senador Mário Covas, afirma com naturalidade que a Aliança Democrática não deverá existir e muito menos prevalecer nas decisões da Constituinte, por uma razão simples: as alianças são firmadas tendo-se em vista, geralmente, um objetivo político provisório, quando a Constituinte é o resultado de um grande pacto nacional que tem como objetivo permanente o trabalho de elaborar a futura constituição.

Observa ainda o líder peemedebista que mesmo os partidos políticos deverão ter dificuldades para estabelecer uma orientação doutrinária ou programática durante as votações da Constituinte. O próprio PMDB deverá adotar uma posição aberta em

relação a temas que envolvam decisões de consciência e foro íntimo, procurando obter uma posição unitária do partido. Assim, não se espera uma posição peemedebista sobre a legalização do aborto, por exemplo, mas, no que depender do líder Mário Covas, seu partido se manifestará claramente sobre os temas econômicos e sociais, por mais polêmicos que sejam e por mais paixões que possam provocar.

Os principais líderes pefelistas são ainda mais céticos em relação à possibilidade de se exercer, pela via dos partidos políticos, qualquer influência sobre o trabalho dos constituintes. Para o líder na Câmara, deputado José Lourenço, os constituintes irão se dividir segundo as suas tendências políticas e ideológicas, especialmente durante a discussão dos temas econômicos e sociais, prevê o líder na Câmara que o PMDB, um partido heterogêneo com características de frente, dificilmente se comportará como uma massa monolítica na hora de decidir sobre a reforma agrária, a participação do estado na economia, ou mesmo sobre o papel das forças armadas na segurança nacional. Seria, muitos os PMDBs, de colorações políticas e ideológicas diferentes, e os debates na Constituinte se encarregariam de dividi-los pelos seus leitos naturais.

Uma ampla reforma partidária é o que prevêem, portanto, os líderes do PFL, como consequência natural do entrelaço de opiniões nas comissões da Constituinte que já começam a ser formadas. Esquerda de um lado, direita do outro, os líderes do PFL ainda com a formação de um bloco moderado e de centro que poderia, numa segunda etapa, transformar-se num grande partido de apoio incondicional ao governo. Entendem os líderes pefelistas que os moderados ou "centristas" são, indiscutivelmente, maioria na Constituinte, e que um trabalho eficiente de articulação política poderia obrigá-los sob uma mesma sigla partidária.

Vale lembrar, porém, a esse propósito, que fatos novos ocorridos na economia e na política já não permitem prever, com a mesma segurança, a possibilidade dessa reforma. De um ponto de vista interno, a eleição do senador Mário Covas para a liderança do PMDB na Constituinte criou uma nova perspectiva para o partido, que já se sente forte e renovado para confrontar-se com o PFL e se necessário com o próprio governo. Por outro lado, a conjuntura econômica e social desfavorável já não estimula manifestações de apoio e solidariedade política ao presidente Sarney, na Constituinte, pelo menos enquanto persistir essa situação adversa, radicais e moderados, ainda preferem conviver sob a mesma legenda do PMDB, que tem uma história de oposição e resistência democrática, do que assumir uma nova e incerta posição partidária, seja de confronto ou de apoio incondicional ao governo.

### Frase

Do senador Afonso Camargo, vice-presidente do PMDB, reagindo à posição ambígua do partido em relação ao governo: "O PMDB precisa tomar um rumo, urgentemente. Não se pode ser meio oposição e meio governo".